

# RECADO AO TRABALHADOR

190 DOM PAULO EVARISTO ARNS

## Paz e terra para os povos indígenas

Meus Amigos Trabalhadores:

Hoje é o encerramento da SEMANA DO ÍNDIO, celebrada em todo o Brasil. Gostaria de fazer, com vocês, uma reflexão sobre esses nossos irmãos, tão sofridos, que parecem estar condenados ao extermínio.

Em 1500 eram mais de cinco milhões. Passados 482 anos, são mais ou menos 220.000 pessoas, agrupadas em 160 povos indígenas até agora conhecidos.

Eis o testemunho de um índio parisi, Omizokai:

"Cada um de nós tem uma história de sofrimento". Sofrimento que é, também, a história de tantos outros irmãos nossos. Exterminados, perseguidos, expulsos de suas terras, humilhados na sua dignidade de pessoa, hoje eles querem falar.

"O Dia do Índio deve ser o dia de escutar o índio", assim se expressou um deles. É obrigação nossa ouvir os próprios índios.

Assim se exprime Malaruê, da tribo Kayabi, do Mato Grosso:

"O branco é um homem que eu não entendo. Nós da aldeia nos tratamos todos de irmão, mas entre branco tem o que manda e toma a terra e o que vai lutar contra o índio como mandado. Nós (assim) como o negro temos o direito de viver. Temos que ter o nosso Deus, o nosso modo de viver."

Mais impressionante ainda o depoimento do índio Marcos, da tribo Guarani:

"A terra para o índio é pai, é mãe. Assim como a mãe tira do seu próprio corpo o alimento que dá vida ao filho, assim do seio da terra tiramos a nossa sobrevivência."

Estes povos pedem a paz: paz que vem, principalmente, da posse da terra: terra que os sustenta, alimenta, dá-lhes abrigo e repouso; terra que é um chão para suas festas, um chão para seus mortos.

Mas os brancos, na corrida pelo progresso, não levam em conta o homem, muito menos os grupos indígenas, considerados como culturas inferiores. Quando se trata de um japonês ou italiano, há respeito, mas este desaparece quando se trata dos povos indígenas. Podem ser transferidos de um lugar para outro, suas terras podem ser inundadas, sem que ninguém lhes pergunte se aceitam ou não. Não levam em conta que a TERRA para o índio é SAGRADA, é o lugar de repouso dos antepassados, é tudo para eles. Índio sem TERRA é índio morto.

Vários povos já obtiveram a reconquista de suas terras: os Kaingang recuperaram a reserva do Rio das Cobras e de Nonoai, os Xokós reconquistaram a Ilha de São Pedro, no Rio São Francisco.

Os chefes indígenas se reúnem em Assembléias, discutem seus problemas, se autodeterminam.

Meditemos sobre o que nos adverte o índio Kaingang:

"Índio nunca quis criar violência, mas a gente tem que tomar atitude para garantir a comida dos nossos filhos."

O índio Tupã'y, da tribo Guarani, acrescenta:

"Não queremos emancipação nem integração. Queremos o nosso direito de viver. Jamais o branco compreenderá o índio. Queremos ser um povo livre como antigamente. O índio está cercado, amordaçado por uma burocracia que não funciona. Por isso nós vamos a campo."

A sobrevivência física e cultural dos Povos Indígenas é uma questão que toca a todos nós. Em vez de vida trouxemos a morte para os povos indígenas.

E por isso que a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) propuseram como tema desta Semana (18 a 24 de abril):

"PAZ E TERRA PARA OS POVOS INDÍGENAS" e como lema:

"O ÍNDIO, AQUELE QUE DEVE VIVER", lema que resume a metade de toda a ação pastoral da Igreja: ajudar os homens a encontrarem a vida, a "vida em abundância" (Jô 10, 10).

Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS